



***Shemot*: Os cânticos do Êxodo¹**

Shemot: The Songs of the Exodus

Nancy Rozenchan*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

nrozench@usp.br

Resumo: Tomado ao pé da letra, *Shemot* [nomes, em hebraico, que é a segunda palavra no início do texto] ou *Êxodo*, como é conhecido em muitas línguas, inicia-se com a relação dos nomes dos que desceram ao Egito e, em seguida, apresenta uma narrativa de incidentes e eventos consecutivos. Entre as duas partes em que se pode dividir *Shemot*, a libertação e o pacto com os mandamentos divinos, aparece um dos mais belos cânticos da Bíblia, que traz certo desafogo em meio a esses momentos. Trata-se do “Cântico do mar”, presente no capítulo 15, 1-18, entoado por Moisés e os filhos de Israel.

Palavras-chave: *Shemot*. Cântico. Moisés.

Abstract: Taken literally, the book *Shemot* [names, in Hebrew, which is the second word at the beginning of the text] or *Exodus*, as it is known in many languages, begins with a list of the names of those who went down to Egypt, and then presents a narrative of consecutive incidents and events. This article analyzes, between the two parts in which *Shemot* can be divided, liberation and the covenant with divine commandments, one of the most beautiful songs in the Bible, which brings some relief in the midst of these moments. It is the "Song of the Sea", present in chapter 15, 1-18, sung by Moses and the children of Israel.

Keywords: *Shemot*. Song. Moses.

Shemot, a exemplo de *Bereshit*, que o antecede, é um livro fundador. Tomado ao pé da letra, *Shemot* [nomes, em hebraico, que é a segunda palavra no início do texto] ou *Êxodo*, como é conhecido em muitas línguas, inicia-se com a relação dos nomes dos que desceram ao Egito e, em seguida, apresenta uma narrativa de incidentes e eventos consecutivos. Os filhos de Israel, herdeiros das promessas feitas aos Patriarcas, haviam se tornado escravos no Egito. Em resposta ao seu clamor, afirma a narrativa, Deus instrui Moisés a libertá-los.

¹ Uma versão deste artigo foi publicada em: SCHLESINGER, Michel et al. *Arte e sabedoria milenar semana a semana: o que a Torá nos diz hoje*. São Paulo: CIP, 2012.

* Professora Sênior de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo.



Após as dez pragas, que culminam com a morte de todos os primogênitos egípcios, o faraó finalmente é obrigado a deixá-los partir. Além dessa série de intervenções divinas, os israelitas foram libertados por uma miraculosa abertura do Mar Vermelho. Conduzidos pelo deserto, sustentados por dádivas divinas de água, maná e codornas e protegidos de seus inimigos até o Monte Sinai, Deus ali fez com eles uma aliança e revelou a Sua lei. Foram dadas, também, as especificações para a construção do tabernáculo, para que a *Shechiná*, [presença divina] pudesse habitar em meio ao seu povo. Apesar de todas essas disposições, Israel, em ato de apostasia, adorou um bezerro de ouro. Ainda assim, o pacto foi reafirmado nos termos anteriores. O livro se encerra com a construção do tabernáculo e a descida da glória de Deus a ele.

Ainda que o título faça referência a Jacob e a seus descendentes, o nome mais importante que brota no texto é o de Deus. Deus é, assim, o único agente da libertação. Toda a narrativa é, portanto, uma exposição do Seu Nome, ou seja, uma revelação do seu caráter, assim como das formas como deveria ser conhecido e denominado.

O ponto culminante da narrativa é a autorrevelação de Deus no Sinai, sendo o seu momento supremo o discurso direto ao povo, conforme o capítulo 19, em que Moisés, diversamente do que ocorre nos demais eventos, não tem um papel de intermediação. É somente a serviço de Deus que o agente humano, Moisés, ganha significado. Seu papel de mediador é, desse modo, elevado a fim de enfatizar o significado do que é intermediado.

O sábio medieval Ramban, também conhecido como Nachmânides, refere-se a *Shemot* como “o livro do exílio e da redenção”. Para ele, a redenção não consiste na saída do Egito, como seria de se esperar, ou na revelação divina ao povo no Monte Sinai, nem sequer na entrada na Terra Prometida. Ramban considera que somente quando a glória de Deus imerge no tabernáculo junto ao povo, conforme narrado no final do livro, é que os israelitas são considerados redimidos. O exílio no Egito, o processo de saída do país e a outorga dos mandamentos compõem, assim, esse processo de redenção e a criação do povo de Israel.

Entre as duas partes em que se pode dividir *Shemot*, em grande densidade elas abordam, basicamente, a libertação e o pacto com os mandamentos divinos, destaca-se um dos mais belos cânticos da Bíblia, que traz desafogo em meio a esses dois grandes momentos. Trata-se do “Cântico do mar” entoado por Moisés e os filhos de Israel:

Eu cantarei a Iahweh, porque se vestiu de glória;
ele lançou ao mar o cavalo e o cavaleiro.
Iah² é minha força e meu canto, a ele devo a salvação.

² Outra forma para Iahweh.



Ele é meu Deus, e o glorifico, o Deus do meu pai, e o exalto.
Iahweh é um guerreiro, Iahweh é o seu nome!

Os carros de Faraó e suas tropas, ao mar ele lançou;
a elite dos seus cavaleiros, o mar dos Juncos devorou:
o abismo os recobrou, e caíram fundo, como pedra.

A tua destra, Iahweh, pela força de se assinala;
a tua destra, Iahweh, o inimigo estraçalha.
Pela grandeza da tua glória destróis os teus adversários,
desencadeias tua ira, que os devora como chama.
Ao sopro das tuas narinas as águas se amontoam,
as ondas se levantam qual uma represa,
e os abismos se retesam no coração do mar.

O inimigo dissera: “Persegurei, hei de alcançar,
despojos eu terei e minha alma irá se alegrar,
tirarei a minha espada e minha mão o prenderá!”
O teu vento soprou e o mar os recobriu;
caíram como chumbo nas águas profundas.

Quem é igual a ti, ó Iahweh, entre os fortes?
Quem é igual a ti, ilustre em santidade?
Terrível nas façanhas, hábil em maravilhas?

Lançaste a tua direita, e a terra os engoliu.
Levaste em teu amor este povo que redimiste,
e o guiaste com poder para a morada que consagraste!

Os povos ouviram falar e começaram a tremer;
dores se espalharam no meio dos filisteus,
e ficaram com medo os habitantes de Edom.
Os chefes de Moab, o temor os dominou;
todos cambaleiam, os moradores de Canaã,
e a eles sobrevêm o temor e o tremor.

A grandeza do teu braço os fixa como pedras,
até que passe o teu povo, ó Iahweh,
até que passe este povo que compraste.

Tu os conduzirás e plantarás sobre a montanha, a tua herança,
lugar onde fizeste, ó Iahweh, a tua residência,
santuário, Iahweh, que as tuas mãos prepararam.



Iahweh reinará para sempre e eternamente.³

O “Cântico do mar”, como se vê, é um hino comemorativo e louva a Deus pela miraculosa redenção de Israel quando Ele abriu o Mar Vermelho para salvar os hebreus e afogou, em seguida, os perseguidores egípcios. O cântico expressa, também, o desejo dos filhos de Israel de que Deus os conduza à sua terra e pouse a Sua presença entre eles no tabernáculo sagrado. O hino se encerra com uma referência à redenção final, quando “Deus reinará por toda a eternidade”. Enriquecido pelo uso de símiles, metáforas, paralelismos, ressoa, no texto, a voz do profeta, Moisés, e a resposta como que de um coro, do povo.

A imagem da cena de abertura do mar, mostrada com frequência em muitas formas de representação visual contemporânea, as duas paredes sólidas de água entre as quais passou o povo, é, de certa forma, sugerida pelo estilo utilizado na compilação do cântico por escribas de todas as épocas no pergaminho em que a Torá é escrita: o texto deve ser, obrigatoriamente, escrito em trinta linhas formatadas de tal modo que a primeira e a última palavra de cada uma delas formem uma barreira lateral. Visualmente, essa barreira revela-se como uma parede de tijolos e as palavras centrais ficam espalhadas entre elas. Antes e após essas linhas, há outras cinco de texto corrido. Assim, o próprio texto, que se encerra na crença na eternidade de Deus, já instiga o leitor a visualizar como teria sido a cena desse milagre e a absorver o seu significado.

Além de “Cântico do mar”, o *Midrash* enumera outros cânticos de destaque na história de Israel como: “Benção de Jacó”, em Gn 49: 2-27; “Cântico do mar de Miriam”, em Ex 15: 21; “Cântico do poço”, em Nm 21: 17-20; “Cântico de Hesbon”, em Nm 21: 27-30; “Cântico Ouçam”, em Dt 32: 1-43; “Bênção de Moisés”, em Dt 33: 2-29; “Cântico de Débora”, em Jz 5:1-31; “Oração de Hana”, em 1Sm 2:1-10; “Lamento de David”, em 2Sm 1: 17-27; “Cântico de David”, em 2Sm 22: 2-51; “Últimas palavras de David”, em 2Sm 23: 1-7; “Oração de Jonas”, em Jn 2:3-10, só para citar alguns exemplos.

Nessas ocasiões, a experiência de redenção do povo encontra expressão em forma de melodia e verso. O “Cântico do mar”, em nome de Moisés e do povo, entoado às margens do Mar Vermelho, é o primeiro deles. Uma versão feminina completa o poema. Depois da versão masculina, em dois versículos apenas,⁴ Miriam, a profetiza, irmã de Arão e Moisés, toma o tamboril e todas as mulheres saem atrás dela com tamboris e com danças. A isso, Miriam lhes responde para cantarem a Deus. Ainda que o cântico de Moisés e dos homens seja mais longo, o canto de alegria e de louvor somente se completa com a melodia e a dança das mulheres, talvez uma expressão mais intensa da fé.

³ Ex 15: 1-18.

⁴ Ex 15: 20-21.



O nome de Moisés é atribuído a mais um cântico bíblico, conhecido como “Cântico de Moisés”, entoado com Josué, que se encontra em *Devarim*⁵ [Deuteronômio], na *parashá* [porção], conhecida como *Haazinu* [Escutai], que expõe uma acusação dos pecados dos israelitas, uma profecia de seu castigo e uma promessa divina de sua redenção. Assim como o “Cântico do mar”, também esse poema tem um registro gráfico diferenciado e obrigatório nos rolos da Torá. Ele é compilado em duas colunas paralelas em que a segunda completa as figuras retóricas da primeira.

Os atos e os acontecimentos de *Shemot* destacam a supremacia divina, mas, simultaneamente, Moisés, seu subordinado, o servidor de Deus, é figura necessária, que não pode ser menosprezada. O seu nascimento está registrado no segundo capítulo do livro e sua morte, entretanto, é relatada somente quatro livros adiante, em *Devarim*. Moisés é uma figura humana predominante não só do *Humash*, o Pentateuco, mas de toda a *Tanach*, a Bíblia hebraica. Ao morrer, segundo o texto bíblico, ele é enterrado pelo próprio Deus em o local desconhecido, para que não haja veneração a um sepulcro ou a qualquer outra indicação física. O ensinamento transmitido deve nos bastar.

Louvando a Deus, falando pelo seu povo e pedindo por ele, Moisés é lembrado não só artisticamente pelos dois cânticos e sua representação gráfica. O primeiro deles está incluído no livro de orações e os judeus o repetem diariamente na reza matutina, enquanto o segundo, quase no final do *Humash*, é cantado numa *parashá* particularmente importante, de pedido de renovação, entre as datas festivas de *Rosh Hashaná*, o Ano Novo, e *Yom Kipur*, o Dia da Expição ou *Sucot*, a Festa das Cabanas.

Moisés aparece em nossa tradição associado à Lei. Em escritos posteriores, ele passa a ser denominado de *Moshê Rabênu*, Moisés, nosso mestre, entendido como responsável pela compilação da Torá e também pela recepção e transmissão da Lei Oral. Por intermédio dos grandes eventos, da exposição mais ampla da figura divina e da atuação do seu agente, Moisés, além dos cânticos, *Shemot* representa uma súpula do ensinamento judaico.

Recebido em: 03/03/2020.

Aprovado em: 17/04/2020.

⁵ Dt 32: 1-43.